

8

PREGAÇÃO RELIGIOSA: UMA CARACTERIZAÇÃO À LUZ DA TEORIA DOS GÊNEROS

Maria Flávia Figueiredo

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela (Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Araraquara.

Professora Permanente do Programa de Mestrado em Linguística da Universidade de Franca (Unifran). Psicanalista.

Alessandra C. Claro

Aluna do Departamento de Ciências Sociais e Letras.

Monitora do Grupo de Estudos de Língua Portuguesa da Universidade de Taubaté (Unitau).

Deise Nancy de Moraes

Discente do Departamento de Ciências Sociais e Letras.

Monitoria do Grupo de Estudos de Língua Portuguesa da Universidade de Taubaté (Unitau).

João Diogo Urias dos Santos Filho

Discente do Departamento de Ciências Jurídicas da Universidade de Taubaté (Unitau).

Se os gêneros de discurso não existissem e se não tivéssemos o domínio deles e fôssemos obrigados a inventá-los a cada vez, no processo da fala, se fôssemos obrigados a construir cada um de nossos enunciados, a troca verbal seria impossível.

M. Bakhtin

RESUMO

Os estudos linguísticos têm possibilitado, cada vez mais, o trabalho e o aprofundamento de questões relacionadas à comunicação e às relações entre linguagem e sociedade, como meio de (re)conhecimento do homem como ser essencialmente sociável. Muitos estudos

nos mostram a importância de dominarmos as mais diferentes modalidades discursivas para um efetivo exercício da cidadania. Dessa maneira, o presente artigo, baseado nos postulados da teoria dos gêneros, apresenta a caracterização do gênero *pregação religiosa*. Por meio de escuta, transcrição e análise de três pregações proferidas por líderes religiosos brasileiros pertencentes a religiões cristãs, o objetivo de se delinear de forma mais precisa o gênero em questão tornou-se possível.

Palavras-chave: gênero; pregação religiosa; comunicação humana.

ABSTRACT

Linguistic studies have provided the comprehension of subjects related to the communication and to the relationships between language and society, as a means of (re)cognition of the human being as essentially sociable. Many studies have shown the significance of dominating different discursive modalities for an effective citizenship practice. Therefore, the present article, based on the postulates of the genre theory, presents the characterization of the genre religious preaching. By listening, transcribing and analyzing three preachings made by Brazilian religious leaders belonging to Christian religions, the objective of describing, in a more accurate way, the studied genre was achieved.

Keywords: genre; religious preaching; human communication.

INTRODUÇÃO

A temática acerca dos diferentes gêneros existentes está em voga. Vários estudiosos da Ciência da Linguagem têm se ocupado em definir os gêneros produzidos pelo homem na interação verbal, além de ressaltar a importância do domínio de tais gêneros para uma participação proficiente do indivíduo na sociedade. A esse respeito, o linguista britânico Norman Fairclough (1993, p. 142, apud MEURER; MOTTA-ROTH, 2002, p. 10) afirma: “o conhecimento crítico sobre as práticas discursivas e sociais está se tornando um pré-requisito para a cidadania democrática”.

No entanto, há um gênero que, apesar de ser encontrado nas sociedades há séculos, ainda necessita de uma caracterização mais acurada, pois tal definição constitui uma lacuna no campo dos estudos da linguagem.¹ Trata-se das pregações proferidas por líderes religiosos. Por meio da transcrição e análise de pregações de alguns desses líderes atuais, buscamos sistematizar a estrutura do gênero em questão. Num primeiro momento, aduzimos de forma sucinta a evolução do termo gênero. Em seguida, apresentamos um roteiro para caracterização genérica, para, então, caracterizarmos, de forma estruturada, a *pregação religiosa*, utilizando para isso um *corpus* específico, que será apresentado de forma detalhada mais adiante. Por fim, uma breve conclusão explicita os resultados impetrados, obviamente sem a pretensão de esgotar a temática em questão.

¹ A necessidade de uma melhor caracterização do gênero *pregação religiosa* se deu em função dos estudos desenvolvidos pelo grupo de pesquisa (liderado pela professora Maria Flávia Figueiredo na Universidade de Franca) a respeito da interseção entre prosódia e persuasão nos textos orais produzidos por líderes religiosos representantes de diferentes religiões. Acerca dos trabalhos desenvolvidos por esse grupo, confira Bollela (2006), Rodrigues (2008), Silva (2008), Rodrigues e Figueiredo (2008), Cruz (2009), Moura (2009), Rodrigues (2009) e Santos e Figueiredo (2009).

HISTÓRIA CONCISA DA EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE GÊNERO

A necessidade do domínio das técnicas de comunicação humana constitui fator *sine qua non* para o desenvolvimento de qualquer sociedade. Tal importância justifica a atenção fulcral destinada aos estudos da linguagem humana no decorrer de séculos de história e cultura.

Alguns dos mais importantes pensadores de nossa história ocuparam-se, via de regra, de questões ligadas às relações do homem com a linguagem, mais precisamente das relações entre o homem e as diversas maneiras de comunicação estabelecidas por ele. Dessa forma, o estudo dos gêneros não é recente, e remonta a Platão e Aristóteles, ainda na Antiguidade.

Apesar de servirem como pilares para os estudos sobre gêneros na atualidade, as obras dos filósofos em questão não abarcaram todos os tipos de situações comunicativas, pois se limitaram à classificação dos gêneros *literários*. Em Machado (2005, p. 151-152), temos a classificação proposta por Platão em relação aos gêneros:

Em *A República*, Platão elabora a tríade advinda das relações entre realidade e representação. Ao gênero mimético ou dramático pertencem a tragédia e a comédia; ao expositivo ou narrativo, o ditirambo, o nômico e poesia lírica; ao misto, a epopeia.

A obra aristotélica, apesar de ampliar a tríade proposta por Platão, não ultrapassou os limites da literatura, pois apenas propôs subdivisões à classificação deste último, diferenciando, por exemplo, a designação dos gêneros de acordo com o caráter das personagens representadas.

A teoria dos gêneros atual teve sua origem com o filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin. Ele foi o primeiro estudioso a ir efetivamente além dos gêneros que, até então, estavam restritos à esfera literária.

Para Bakhtin (1979/2003), a linguagem deve ser analisada por

suas funções sociais, e por isso o autor confere assaz relevância para os gêneros de grande circulação social. Por serem concepções revolucionárias, seus postulados constituem o cerne das teorias atuais desse ramo. A mudança mais significativa da teoria bakhtiniana foi a ampliação das ideias existentes, pois o estudioso não se atrelou às classificações sistemáticas propostas até então. Para Bakhtin, a linguagem vai além de representações da realidade, pois é por meio dos atos de comunicação que os homens se constroem como seres efetivamente humanos, e por isso deve ser analisada com a devida importância nos meios sociais. A respeito desse “desprendimento” em relação aos gêneros literários e da preocupação bakhtiniana com a função social da linguagem, Pinheiro (2002, p. 271) afirma:

[...] as investigações de Bakhtin não se restringem ao contexto literário e, ao ampliar as fronteiras, abrangem também a esfera da interação verbal - interação que se dá por meio de gêneros. Esses gêneros, enquanto formas relativamente estáveis, contribuem para que se compreenda a construção dos textos, considerando, aí, a natureza social da linguagem, princípio fundamental da teoria bakhtiniana.

As concepções do linguista francês Bronckart (1999) também representaram importante contribuição para a concepção moderna dos estudos acerca dos gêneros, pois, baseando-se principalmente nas ideias de Foucault e na visão social da linguagem de Bakhtin, sustentou a existência de um interacionismo sociodiscursivo, e ainda propôs um rigoroso sistema de equivalências terminológicas, com o qual pretendeu determinar, após larga análise epistemológica, conceitos de expressões importantes como: texto, discurso, tipos de discurso, gêneros textuais, ação de linguagem, entre outros.

A revolução resultante dos ideais bakhtinianos na linguística moderna permitiu olhares diferenciados sobre as mais díspares esferas da comunicação humana por possibilitarem uma análise mais aprofundada de inúmeros gêneros, os quais anteriormente estavam postos

de lado pelos estudos da linguagem. É dessa possibilidade de análise (e caracterização) genérica que trataremos a seguir.

CARACTERIZAÇÃO DOS GÊNEROS

Apesar do olhar diferenciado em relação à linguagem humana proposto por Bakhtin (1979/2003 e 1929/2002), alguns aspectos são perceptíveis tanto nos postulados clássicos quanto nas teorias modernas. Um deles é a noção de permanência de fatores na produção textual para a caracterização dos mesmos como gêneros. Sobre esse aspecto, Pinheiro (2002) afirma que, desde Aristóteles e Platão até Bakhtin, a noção de gênero está associada à recorrência de certas especificidades e certos parâmetros, por meio dos quais um texto é produzido e consumido. De acordo com esse princípio, a constituição de um gênero ocorre quando o texto apresenta características estruturais relativamente permanentes, percebidas após sua utilização reiterada pela coletividade. Para Bakhtin (1986 apud MEURER; MOTTA-ROTH, 2000, p. 11), o “gênero é pensado como um evento recorrente de comunicação em que uma determinada atividade humana, envolvendo papéis e relações sociais, é mediada pela linguagem”.

É válido ressaltar que nossa concepção de texto está em consonância com as definições atuais trazidas pelos estudiosos da teoria dos gêneros, na qual o texto é visto como toda interação verbal humana dotada de significado, seja esta oral ou escrita. A esse respeito Bronckart (1999, p. 137) explicita:

[...] a noção de texto designa toda unidade de produção verbal que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência em seu destinatário.

Ao definir texto como ‘toda unidade de produção verbal’, Bron-

ckart (1999) amplia o conceito do mesmo, pois admite todo tipo de situação comunicacional significativa, inclusive as *produções orais*, como textos estruturados e que possuem uma lógica interna, além de serem passíveis de interpretação e análise.

À luz dos conceitos acima aduzidos podemos direcionar nossa análise acerca dos gêneros, dispensando um olhar mais atento à produção oral.

Alguns estudiosos da linguagem propõem que, para que seja possível caracterizar qualquer gênero, alguns aspectos devem ser observados: diante de um texto a ser caracterizado devemos nos preocupar em responder a certo número de perguntas referentes à situação de produção textual.

Maingueneau (2001) destaca que certos aspectos são imprescindíveis para que uma produção textual tenha êxito. São eles: 1) finalidade 2) estatuto de parceiros 3) lugar e momento 4) suporte 5) organização textual.

A finalidade de produção textual pode ser detectada ao perguntarmos: Por que queremos / precisamos produzir esse texto? A resposta a tal questão visa à definição dos objetivos do autor ao produzir o texto, isto é, quais os efeitos diretos ou indiretos que deseja obter no meio social. Definir o estatuto de parceiros significa delimitar os papéis de cada indivíduo no processo comunicativo, com seus direitos e deveres. Para tanto, as perguntas a serem feitas são: Quem produz? Para quem? Desta forma, fica claro que em toda circunstância de comunicação há “funções” assumidas pelas partes e que são convencionalmente constituídas, caracterizando, desta forma, a estrutura social da produção. Quanto ao local e ao momento, as perguntas são: Onde foi produzido? Em que situação temporal? A relação de momento na definição de Maingueneau (2001) está ligada à noção de temporalidade, ou seja, numa produção textual devem ser analisados

aspectos como: a periodicidade, o encadeamento, a continuidade e a validade. O suporte está relacionado aos meios físicos de transmissão e divulgação da produção; as perguntas nesse caso podem ser: Como o texto foi transmitido? Quais os meios utilizados para fazer com que o texto chegasse a seus destinatários? Finalmente, a organização textual refere-se aos recursos linguísticos passíveis de serem utilizados em cada ocasião. Trata-se de fator importante no processo de diferenciação genérica, pois existem gêneros “de organização textual rígida, como a dissertação, há outros que seguem ‘roteiros mais flexíveis’, como a conversa em família” (MAINGUENEAU, 2001, p. 68). Conhecer a organização textual a ser utilizada em cada situação é indispensável para o êxito da empreita comunicativa.

Os procedimentos de análise elaborados por Maingueneau permitem não só buscar êxito nas situações de comunicação, mas também ajudar a definir a qual gênero pertence determinado texto de acordo com sua estrutura. O levantamento de tais aspectos faz com que as permanências e recorrências de uma produção linguística fiquem destacadas, tornando mais evidente o seu enquadramento em um gênero.

Assim como Maingueneau (2001), Lopes-Rossi (2006) propõe alguns questionamentos destinados à caracterização dos gêneros. Apesar de a autora o fazer em relação aos gêneros escritos, tais questões são de grande valia para a análise e caracterização de textos orais, uma vez que, em ambos os casos, é a comunicação humana que está em foco.

Em linhas gerais, Lopes-Rossi (2006) propõe as seguintes perguntas: “[...] Quem escreve (em geral) esse gênero discursivo? Onde? Quando? Com base em que informações? Como o redator obtém essas informações? Quem lê esse gênero? Por que o faz? Com que objetivos lê? Onde o encontra? Que tipo de resposta pode dar ao texto? Que influência pode sofrer devido a essa leitura?” Os aspectos focalizados pela autora para a análise de produções escritas podem ser

adaptados ao exame de textos orais, auxiliando de maneira detalhada a caracterização destes.

Outro estudioso que propõe questionamentos para a análise na esfera textual é Reboul (2000). Em sua *Introdução à retórica*, o autor apresenta procedimentos de interpretação textuais, mas que podem ser trazidos para a análise de gêneros por sua pertinência. As questões apresentadas por esse autor são: Quem fala? Quando? Contra quem? A quem? Por quê? Do que trata? O que diz? Como diz? Neste caso, as questões utilizadas para a interpretação de textos servem como sinalizadores da produção, aludindo ao gênero escolhido pelo produtor.

Com o exposto chegamos agora a alguns questionamentos necessários para a caracterização da estrutura textual dos gêneros *orais*. Para tal, propomos as seguintes questões: 1) Quem fala? Onde? Para quem? Qual a duração? Qual o intuito? Existem marcas linguísticas determinantes? A produção está baseada em quais parâmetros? Qual o meio de transmissão?

Por meio deste procedimento chegamos às recorrências de uma produção textual. Peguemos, a título de exemplificação, uma aula, que é, geralmente, ministrada por professores, em salas de aula, para alunos, em tempo determinado (50 minutos, por exemplo) com certa periodicidade regular e tem o intuito de compartilhar informações culturais e conhecimentos sistematizados. Como autoridade dentro da situação comunicativa em questão, o professor lança mão de marcas linguísticas como o imperativo, por exemplo. Uma aula é, em geral, baseada em livros e materiais que contenham os conteúdos a serem partilhados, e o meio de transmissão, normalmente, é a fala do professor, em consonância com seus alunos, que têm possibilidade de alocação durante o evento. Deixamos claro que, na caracterização textual, assim como em qualquer estudo científico, devemos trabalhar com predominância. O fato de mencionarmos que o local

de realização de uma aula seja a sala de aula não nos impede de reconhecermos a realização deste evento em locais diferenciados. No entanto, para levantarmos as recorrências de determinado gênero, temos de trabalhar, via de regra, com aspectos que apresentem certa predominância.

Dessa forma, fica-nos clara a possibilidade de caracterização de qualquer gênero corrente, por meio do levantamento sistemático de suas particularidades recorrentes. Em nosso caso, o foco está voltado para a produção oral, mais especificamente a produção oral religiosa (da qual trataremos a seguir). No entanto, nada impede que os procedimentos apresentados aqui sejam utilizados para a caracterização de qualquer outro gênero.

O GÊNERO PREGAÇÃO RELIGIOSA

A caracterização do gênero *pregação religiosa* passa por questões que vão além das características estruturais do texto. O termo *pregação* está intrinsecamente ligado, no seu uso, às religiões cristãs. No entanto, ao levantarmos as características desse gênero, percebemos que esse termo também pode ser utilizado para designar o discurso de outras religiões.

Antes de passarmos à caracterização do gênero em questão, vejamos as definições de alguns autores acerca da temática religiosa, mais usualmente exposta como “discurso religioso”.

Orlandi (1987, p. 242-243) diz que o discurso religioso é “*aquele em que fala a voz de Deus: a voz do padre – ou do pregador, ou, em geral, de qualquer representante seu – é a voz de Deus*” (grifo do autor).

Para Citelli (2005), o discurso religioso é caracterizado essencialmente como um discurso autoritário e persuasivo. Nele, o líder religioso

fala em nome de um “ser superior”, e, por isso, não é questionado. Para esse autor, o autoritarismo e a persuasão são aspectos marcantes nesse tipo de produção:

Uma das formações discursivas onde se reconhece a presença da persuasão é a religiosa: nesse caso, o paroxismo autoritário eleva-se: o eu enunciatador não pode ser questionado, visto ou analisado; é ao mesmo tempo o tudo e o nada. A voz de Deus plasmará as demais vozes, inclusive a daquele que fala em seu nome: o agente religioso (pastor, padre, rabino etc.). (CITELLI, 2005, p.61).

Além dessas características, Citelli (2005) ainda explicita que tal tipo de discurso é um evento comunicativo por excelência, pois é por meio dele que são transmitidos os princípios religiosos de cada religião. Vejamos o que o autor nos diz a esse respeito:

Nesse sentido, o discurso religioso realiza tarefa *sui generis* enquanto mecanismo de comunicação, pois, se os demais discursos autoritários-persuasivos podem vir a revelar a voz do sujeito falante, nele resta apenas a noção de dogma (CITELLI, 2005, p. 61).

Por caracterizar o meio de transmissão da doutrina de cada religião, o discurso religioso, em geral, baseia-se na referência escrita, a qual fundamenta os dogmas e princípios de cada uma delas. É o caso, por exemplo, da Bíblia para os cristãos, do Alcorão para os muçulmanos, do Veda para os hindus e do Livro dos Espíritos para os kardecistas. A esse respeito, Orlandi (1987, p. 246) traz uma informação relevante: “É interessante se observar que as religiões de conversão (de exclusão) são as religiões que têm escrita. As religiões de cultura sem escrita, e que só se efetuam por rituais, são mais ecléticas”.

Dessa forma, quando, em uma cultura religiosa, há a existência de referenciais escritos, é fator *sine qua non* que os líderes religiosos façam menção aos textos basilares existentes para que estes sirvam como ponto de partida para suas formulações discursivas; afinal, tais

menções funcionam como utilização de argumento de autoridade, embasando a fala do líder.

A utilização dos referenciais escritos confere um caráter de confiabilidade nas pregações. Quanto ao uso da Bíblia nos discursos cristãos, Almeida (2001, p. 29) diz:

[...] a Bíblia se inscreve como discurso fundador da narrativa, não apenas no âmbito restrito da organização pragmática e textual dos enunciados, mas também como narrativa que projeta simbolicamente a organização textual – coerência – dos sentidos históricos do mundo ocidental, tecidos sob a tensão de injunções políticas do dizer, resultando no fio significante do discurso religioso cristão.

Em um texto de base religiosa temos, então, não só os parâmetros e orientações a serem seguidos pelos fiéis, mas também a narrativa histórica daquele povo. Ao lançar mão da palavra sagrada, o líder religioso confere maior credibilidade ao que diz, pois não fala por ele, como já explicitamos, mas sim em nome de um ser imaterial, dotado de verdade. A esse respeito, Wilson (2006, s/p), afirma: “[...] o recurso ao intertexto (os excertos bíblicos) vem outorgar autoridade à fala do locutor, que, com isso, garantiria maior aprovação, maior aceitação e conformação às palavras de Deus”. Vejamos o que diz Pedrosa (2004) a respeito da utilização da Bíblia em discursos cristãos:

O ideal do discurso religioso é que o ‘representante’, o que se apropria do discurso de Deus, não o modifique. Ele deve seguir regras restritas reguladas pelo texto sagrado, pela Igreja, pelas liturgias. Deve-se manter distância entre o ‘dito de Deus’ e o ‘dizer dos homens’ (s./p.)

Ainda sobre o uso de excertos bíblicos, Orlandi (1987, p. 6) afirma:

A interpretação própria da palavra de Deus é, pois, regulada. Os sentidos não podem ser quaisquer sentidos: o discurso religioso tende fortemente para a monossemia. No cristianismo, enquanto religião institucional, a *interpretação própria*

é a da Igreja, o *texto próprio* é a Bíblia, que é a revelação da palavra de Deus, o *lugar próprio* para a palavra é determinado segundo as diferentes cerimônias.

Apesar de usarmos os exemplos referentes às religiões essencialmente cristãs, nossa análise busca defender que todas as religiões que possuem referencial escrito usam-no como ponto de partida para a divulgação de sua doutrina, não exclusivamente as religiões cristãs, por motivos óbvios, pois nestes escritos estão os direcionamentos que sustentam suas práticas religiosas.

Outro aspecto relevante no discurso religioso é o que Orlandi (1987) chama de assimetria do discurso, entendida como as diferenças de papéis no mesmo. A esse respeito, Wilson (2006) declara:

[...] o discurso religioso caracteriza-se como um discurso assimétrico [...], trata-se de um tipo de discurso em que a interação é estabelecida de forma a conter a reversibilidade (*entendida aqui como a impossibilidade de os ouvintes ocuparem o lugar do líder, e, também, a impossibilidade de o líder assumir o lugar do ser superior*) e cujo sentido fica aprisionado pelo próprio dizer: único e inquestionável. (s./p.)

Um traço marcante neste tipo de discurso é a existência da fé dos ouvintes. A fé é responsável por delimitar a comunidade religiosa, além disso, é por meio dela que os ouvintes se predispõem a ouvir seus líderes. Orlandi (1987, p. 250), ao discorrer sobre a fé dos ouvintes na situação comunicativa religiosa, diz: “[...] a fé é que distingue os fiéis dos não-fiéis, os convictos dos não convictos [...] para os que creem, o discurso religioso é uma promessa, para os que não creem é uma ameaça”.

Diante do exposto, após termos discorrido sobre algumas especificidades do discurso religioso, caracterizaremos o gênero *pregação religiosa* de acordo com as questões propostas no presente estudo. A saber: Quem fala? Onde? Para quem? Qual temporalidade / duração? Qual

o intuito? Existem marcas linguísticas determinantes? A produção está baseada em quais parâmetros? Qual o meio de transmissão?

No discurso oral religioso, que doravante denominaremos *pregação*, ocorre o seguinte: o líder religioso é o responsável pela realização desse gênero, ou seja, é a fala dele que serve de suporte para tal feito. O local, habitualmente, é um templo religioso mantido pela comunidade religiosa. O líder fala sempre para a comunidade religiosa de que faz parte (mesmo que esta contenha ouvintes não-fieis, a maioria é constituída de ouvintes fieis). A duração / temporalidade de uma pregação é um aspecto variável, porém percebemos que, em sua maioria, as pregações duram aproximadamente 40 minutos. A periodicidade apresenta regularidades de acordo com a comunidade (todos os domingos, todos os dias), além de poder ocorrer em horários fixos. Geralmente, a pregação é realizada com o intuito de formar o caráter dos fieis, converter novos fieis, bem como conservar aqueles que já fazem parte da comunidade religiosa. Percebemos que, quanto à existência de marcas linguísticas, a pregação apresenta o uso de marcas peculiares, tal como nos mostra Pedrosa (2004, s/p.):

Outros traços do Discurso Religioso se configuram com o uso do *imperativo* e do *vocativo* – características inerentes de discursos de doutrinação; uso de *metáforas* – explicitadas por paráfrases que indicam a leitura apropriada para as metáforas utilizadas; uso de citações no original (grego, hebraico, latim) – traduzidas para a língua em uso através de *perífrases* extensas e explicativas em que se busca aproveitar o máximo o efeito de sentido advindo da língua original; o uso de *performativos* – uso de verbos em que o ‘dizer’ representa o ‘fazer’; o uso de *sintagmas cristalizados* – usadas em orações e funções fáticas. Ainda em relação às unidades textuais, podemos acrescentar o uso de determinadas formas simbólicas do discurso religioso como as parábolas, a utilização de certos temas *recorrentes* (grifo nosso).

Em relação ao meio de transmissão, a pregação é realizada de forma oral e transmitida de maneira direta, ou seja, o líder prega, os ou-

vintes ouvem. Atualmente, com o advento da tecnologia, é possível encontrarmos pregações gravadas em CD ou DVD para a distribuição comercial. No entanto, não entenderemos aqui tais possibilidades como meios de produção, mas sim como formas de reprodução para comércio.

METODOLOGIA

Para realizarmos o presente estudo, selecionamos algumas pregações de líderes religiosos brasileiros, pertencentes a religiões cristãs, com o objetivo de delinear-mos de forma mais precisa o gênero *pregação religiosa*. Os líderes escolhidos foram: Padre Fábio de Melo, Missionário R. R. Soares e Padre Jonas Abib.

Após a seleção das pregações, procedemos à sua escuta, seguida de sua transcrição, obedecendo às Normas de Transcrição do Projeto NURC. A partir das transcrições efetuadas, pudemos realizar a análise dos dados. Durante a análise, lançamos mão da teoria aqui descrita e nos guiamos pelas questões descritas no item anterior. Esse procedimento nos conduziu a um levantamento das características mais relevantes do *corpus* selecionado, o que nos possibilitou delinear e caracterizar a estrutura do gênero em questão.

ANÁLISE DO CORPUS

As pregações selecionadas foram ministradas no período entre 2001 e 2007 e são intituladas respectivamente: “O direito de ser frágil” (Padre Fábio de Melo), “Como ser bem-sucedido” (Missionário R. R. Soares) e “Libertos das falsas doutrinas” (Padre Jonas Abib).

A duração das pregações é a seguinte:

- “O direito de ser frágil”: 46”08’

- “Como ser bem-sucedido”: 41” 00’
- “Libertos das falsas doutrinas”: 57” 58’

A partir da constatação da duração de cada pregação é possível perceber que tais fenômenos têm um tempo mínimo para serem passíveis de caracterização enquanto pregação de forma efetiva. Dessa forma, comunicações com realizações de tempo muito curto não podem ser consideradas pregação, pois a estrutura conceitual do gênero não é passível de ser elaborada com sucesso em um tempo exíguo, pois dessa forma o todo estrutural seria prejudicado.

Levando em consideração os aspectos propostos para a caracterização dos gêneros apresentados anteriormente, passemos agora para à efetiva análise das pregações selecionadas.

De acordo com a estrutura analisada nas três pregações, pudemos constatar que todos os aspectos necessários à caracterização de uma pregação estão presentes em todas as produções examinadas. A começar pela caracterização dos pregadores: trata-se de três líderes de comunidades religiosas (dois padres e um evangélico, intitulado missionário). Em alguns momentos, no decorrer da pregação, os líderes inclusive se autoneameiam, como nos casos a seguir:

Nós somos todos iguais, minha gente, nós sofremos tudo do mesmo jeito, nós **padres**, nós precisamos viver, quanto mais a gente buscar a autenticidade dos nossos sentimentos, será melhor pra gente ser **padre** e será melhor para você viver do nosso lado (MELO, 2007, 29”50’).

Eu sempre conto o caso de quando Deus me chamou pra ser um **pregador do Evangelho**. Eu estava me preparando pra fazer o desejo da minha vida. Qual era o desejo da minha vida? Era ser médico. Pobre, não tinha condições (SOARES, 2004, 01”35’).

Quanto ao local de produção das pregações, não há menção direta no texto, no entanto, as informações trazidas junto ao encarte do CD aduzem que cada uma delas foi realizada nos templos das respectivas religiões. No caso dos padres, as pregações foram realizadas na Comunidade *Canção Nova*, enquanto, no caso do missionário, o templo é denominado *Igreja Internacional da Graça de Deus*.

Em relação ao destinatário das pregações, é possível perceber que, em todas as situações examinadas, o pregador fala, em primeiro lugar, para os ouvintes-fiéis de sua comunidade religiosa. Vejamos:

Eu vou agora unir a minha fé com a fé de cada pessoa ...² eu vou abençoá-la (SOARES, 2004, 32^o 28').

No trecho acima, percebemos que o pregador se refere aos ouvintes fiéis, pois, ao dizer *unir minha fé com a fé de cada pessoa*, o missionário deixa subentendido que as pessoas ali presentes são da comunidade religiosa e, portanto, caracterizam-se como ouvintes-fiéis. Segue mais um trecho em que podemos perceber a inclusão dos ouvintes como integrantes, fiéis das mesmas crenças. Vejamos:

Maria está para dar à luz a nós que somos os filhos de Jesu/³ os filhos da igreja, nós que somos os seus filhos, nós que somos os irmãos de Jesus, ela está para dar à luz, agora ao corpo de Cristo, assim como ela deu à luz uma primeira vez, o corpo de Cristo, ela está para dar à luz agora, uma segunda vez, o corpo de Cristo que é a sua igreja, que é a sua igreja, o inimigo está aí, diante dela (ABIB, 2001, 38^o46').

Como mencionado anteriormente, o intuito da realização de *pregações religiosas* é, geralmente, o de formar o caráter dos fiéis, mantê-los na comunidade, bem como converter aqueles que ainda não o são. Podemos perceber que, ao longo das pregações, os líderes evocam, a todo

² De acordo com as normas de transcrição do Projeto NURC, o sinal '...' indica pausa.

³ De acordo com as normas de transcrição do Projeto NURC, o sinal 'o' indica truncamento.

momento, a participação ativa dos fiéis, para, dessa forma, reiterar os laços de compromisso entre estes e a comunidade. Vejamos:

[...] inimigo está aí ao nosso lado, está aí ao nosso lado prontinho pra nos pegar. Tudo isso vem daquele que sabe que pouco tempo lhe resta e por isso veio sobre nós com grande furor e ira. Eu digo: não está vindo somente sobre os outros não ... *ele está vindo principalmente sobre nós que somos a descendência da mulher* ... ele está vindo sobre os outros coitadinhos, os outros que já estão longe de Deus e faz deles gato e sapato, mas eles são também a igreja, eles são também a noiva, eles são também a bendita descendência da mulher são sim e *nós temos que fazer um trabalho por eles, um trabalho de salvamento deles, mas, gente, saiba / saiba o principal alvo do inimigo somos nós/ nós que somos a descendência da mulher, nós que somos os amigos do noivo, ele quer destruir a nós pra que, destruindo a nós, destrua toda a obra do Senhor e você não pode ser tolo, eu não posso ser tolo ninguém de nós pós/ pode ser tolo. Diga comigo e proclame: eu sou da bem-aventurada geração ((todos repetindo)) escolhido por/ pelo senhor* (ABIB, 2001, 22"14', grifo nosso).

Além de apresentar o objetivo de manutenção da comunidade fiel, a pregação também pode ser compreendida como um meio de conversão de fiéis, como vemos a seguir:

Se você quiser ser bem-sucedido é claro que você tem que estudar [...] agora, se você quer ser bem-sucedido mesmo é você aprender a fazer o que Deus fala ao seu coração (SOARES, 2004, 01" 20").

[...] como o senhor está desejoso de que todos os seus filhos se voltem pra ele [...] hoje mais do que nunca Jesus está com sede ... querendo que todos os seus filhos, que todas as suas filhas voltem e, por isso, o senhor reassume toda a sua misericórdia, todo o seu perdão, todo o seu amor (ABIB, 2001, 02" 29').

O intuito de uma pregação está intrinsecamente ligado às marcas linguísticas utilizadas pelo orador, pois é por meio delas que o líder elabora sua argumentação em prol da finalidade de seu discurso.

Algumas marcas são muito características, como é o caso do uso de imperativo, destacado em negrito:

Assuma o seu pecado. **Não finja** que ele não existe. **Não crie** cenários para a sua vida. **Não faça** da sua vida uma interpretação barata, um teatrinho de quinta categoria, **não!** (MELO, 2007, 24”24’).

Você não sabe o que Deus tem preparado pra você. ... **Obedeça!** (SOARES, 2004, 06”00’).

[...] o que Deus mandar. **Vai e faça!** (SOARES, 2004, 12”24’).

Curve a cabeça e **feche** os olhos (SOARES, 2004, 21’25”).

Outra marca linguística é o uso de repetições, tanto em orações quanto na leitura de trechos bíblicos:

Todos os que querem a salvação, não tenham vergonha, repitam do coração essa oração, digam assim: Senhor Deus (_____) eu preciso (_____) ser salvo (_____) e eu te peço (_____) salva-me (_____). Me dê (_____) um novo nascimento (_____) eu recebo (_____) o senhor Jesus (_____) como meu senhor (_____) o meu salvador (_____). Senhor Jesus (_____) seja (_____) o senhor (_____) da minha vida (_____). Quem quer o perdão dos pecados diga: Pai Santo (_____) eu reconheço (_____) e confesso (_____) que tenho pecado (_____) por pensamentos (_____) palavras (_____) atos (_____) consciente (_____) inconscientemente (_____) por desejos (_____) sonhos (_____) coisas escondidas (_____) e eu te peço (_____) perdoa-me (_____) em nome de Jesus (_____) (SOARES, 2004, 21”28).

[...] Maria, sim é Maria a mãe de Jesus, o nosso dia hoje está sendo presidido por ela, diga comigo: é Maria, a mãe de Jesus (_____), ela é este sinal (_____), que apareceu no céu: (_____) uma mulher revestida do sol (_____) com a lua debaixo dos seus pés (_____), e na sua cabeça

uma coroa de 12 estrelas (_____). Esta é Maria a mãe de Jesus (_____). Sim, esta mulher de que fala aqui é Maria, a mãe de Jesus (ABIB, 2001, 09"03').

Olha assim em suas mãos e diga: Pai (_____) em nome de Jesus (_____) eu te apresento (_____) as minhas mãos (_____) e te peço (_____) coloca senhor (_____) nestas mãos (_____) o teu poder (_____) obrigado (_____). Agora põe esta mão em cima de onde você tem o seu problema, o seu mal. Se não for possível, você a coloca sobre *é/sobre* o coração. Fecha os olhos e diga assim: em nome de Jesus (_____) eu ordeno (_____) exijo (_____) que todo mal (_____) que está na minha vida (_____) saia agora (_____). Eu sou (_____) uma benção (_____). (Soares, 2004, 30"01).

Diga comigo: a descendência da mulher é Jesus (_____) e a descendência da mulher somos nós (_____) nós somos irmãos de Jesus (_____), nós somos filhos de Maria (_____)... (ABIB, 2001, 07"43').

Uma outra marca linguística presente nas pregações é o uso de pronome de tratamento no singular (*você*) utilizado com vistas a reforçar o comprometimento individual de cada ouvinte: o pregador fala a muitas pessoas, mas direciona a responsabilidade quando utiliza meios de falar de maneira individualizada.

Quantas vezes na sua vida **você** passou pela experiência de faltar coragem de dizer que não sabia e aí sabe o quê que aconteceu? (MELO, 2007, 21"43').

Você já observou que a gente não deixa a criança chorar? ... Você já observou que o recém-nascido, no momento em que ele chora a gente faz de tudo pra calar a boca dele? (MELO, 2007, 7"38').

Você sabe muito bem, um dia **você** deve ter colocado um espinho no seu pé sem querer e teve que conviver com ele até ter um jeito de tirá-lo, não é verdade? (MELO, 2007, 5"02).

Também pode ser tomado como marca linguística o uso do pronome pessoal *nós*, usado com a finalidade de aproximar pregador e ouvinte, dando a ideia de que estes pertencem à mesma classe: a classe dos filhos de Deus:

Nós gostamos é de todo mundo feliz. ... **Nós** não estamos preparados pra encarar a fragilidade do outro. Parece que a **nossa** educação ela está sempre voltada pra **nos** revestir de uma coragem que **nos** faz esquecer o limite (MELO, 2007, 8"13').

Seríamos mal treinados, por exemplo, se o treinador, digamos que **eu** fosse um atleta, que **você** fosse uma atleta e que o seu treinador... (MELO, 2007, 8"45')

Nós estamos em processo de feitura. **Nós** não estamos prontos. **Eu** não sou perfeito. Eu estou por ser feito. Estou sendo feito aos poucos. ... E no processo de ser feito aos poucos, eu vou vivendo a experiência de descobrir onde é que dói o espinho e esse espinho muda de lugar (MELO, 2007, 10"13').

Nós somos todos iguais, minha gente. **Nós** sofremos tudo do mesmo jeito. **Nós** **padres**, **nós** precisamos viver. Quanto mais a gente buscar a autenticidade dos **nostros** sentimentos, será melhor pra gente ser padre e será melhor para você viver do nosso lado (MELO, 2007, 29"50').

Uma marca linguística recorrente nas pregações é o uso de metáforas. No exemplo a seguir, a metáfora foi usada com o intuito de fazer uma analogia entre a superioridade divina e a fragilidade humana:

[...] o nosso coração é como se fosse uma cidade ... nest / nesta cidade há frestas que a sentinela precisa ser mais trabalhada (MELO, 2007, 09" 24').

Como mencionado anteriormente, em geral, as pregações fundamentam-se nos referenciais escritos de cada comunidade religiosa. Os líderes religiosos fazem uso desses textos impreterivelmente, pois estes constituem o cerne de cada doutrina. A inserção destes excertos

é feita por meio de leituras ou mesmo narrações, além de trechos musicados e representados. Vejamos alguns exemplos:

Uma riqueza insondável **esse texto de São Paulo**, eu gostaria de começar por ele ... e depois chegar no **Evangelho**. (MELO, 2007, 4"33').

Abra em **Hebreus**, capítulo 11, e vamos ver a chamada dessa/ desse personagem que não sabia o que Deus tinha pra ele, ... mas resolveu obedecer (SOARES, 2004, 05"46).

Vamos fazer uma sequência: pegue comigo em primeiro lugar: **Apocalipse 12** é o último livro da Bíblia, **Apocalipse 12** ... leia comigo **Apocalipse 12**, versículo 1, todos... (ABIB, 2001, 04"40').

Vamos para **Gênesis**, o primeiro livro da Bíblia, capítulo doze. Aqui está a chamada de Abrão e diz assim... (SOARES, 2004, 09"56').

E na sagrada escritura a palavra limite não é um termo negativo não! Não é pejorativo. ... **A sagrada escritura** quando fala de limite, por exemplo, nos **Gênesis** a palavra Paraíso significa espaço delimitado para o encontro, espaço reservado pra que a gente não se perca. ... Adão e Eva saem do Paraíso, isso é, saem do limite (MELO, 2007, 10"54).

[...] pessoa insegura tem medo de se expor como pessoa, por isso, minha gente, que o projeto de Jesus é o projeto da simplicidade que **é falada no Evangelho**: Olhai os lírios do campo (MELO, 2007, 17"20')

Não sou eu que estou dizendo. Entenda-se com Ele. Problema é seu e Dele. Estou apenas pregando o que **o Evangelho diz** que se você não acolher o seu limite, você se perde (MELO, 2007, 43"50').

Após elencarmos algumas marcas linguísticas presentes nas pregações analisadas e respondermos aos questionamentos relacionados à caracterização do gênero *pregação religiosa*, finalizamos por reiterar que o meio de transmissão nessas produções linguísticas é, sempre, o oral.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Os resultados da análise efetuada durante a pesquisa nos permitiram enumerar algumas das peculiaridades presentes nos textos orais produzidos por líderes religiosos. Dadas as permanências e recorrências presentes nesses textos, pudemos caracterizá-los como pertencentes ao gênero *pregação religiosa*. Resumidamente, podemos afirmar que se trata de um gênero estritamente oral, produzido por um líder religioso e que tem como destinatários fiéis pertencentes a um grupo comum, além disso, apresenta duração mínima estabelecida. Com o intuito de conservar seus fiéis, moldar o seu caráter e converter novos adeptos, a pregação é produzida em comunidades que apresentam referenciais escritos e utiliza tais parâmetros em sua composição.

REFERÊNCIAS

- ABIB, J. *Libertos das falsas doutrinas*. Cachoeira Paulista, 2001. 1 CD (58 min).
- ALMEIDA, E. Discurso religioso: um espaço simbólico entre o céu e a terra. In: _____. (Org.) *Sociedade e discurso*. Mato Grosso: Unemat, 2001.
- BAKHTIN, M. (1929) *Marxismo e filosofia da linguagem*. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- _____. (1979). *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BOLLELA, M. F. F. P. A prosódia como instrumento de persuasão. In: LOUZADA, M. S. O.; NASCIMENTO, E. M. F. S.; OLIVEIRA, M. R. M. (Orgs.). *Processos enunciativos em diferentes linguagens*. Franca: Unifran, 2006. p. 113-128.
- BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. 2. ed. São Paulo: Educ, 1999.
- CITELLI, A. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 2005.

CRUZ, R. A. *A voz que “salva”*: a persuasão por meio da prosódia e da argumentação no discurso radiofônico de padre Marcelo Rossi. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca. Disponível em: <<http://www.mestradoemlinguistica.unifran.br/2008/dissertacoes/editaisDissertacaoPPGL.php>>

LOPES- ROSSI, M. A. G. Procedimentos para estudo de gêneros discursivos da escrita. *Revista Intercâmbio*, v. XV. São Paulo: Lael/ PUC-SP, 2006.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MELO, F. *O direito de ser frágil*, 2007. 1 CD (47min).

MEURER, J. L. Uma dimensão crítica do estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). *Gêneros textuais*. Bauru: Edusc, 2002.

MOTTA-ROTH, D. A construção social do gênero resenha acadêmica. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). *Gêneros textuais*. Bauru: Edusc, 2002.

MOURA, K. A. *“Buscai as coisas do alto”*: aspectos argumentativos e prosódicos no discurso religioso de Padre Léo. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca. Disponível em: <<http://www.mestradoemlinguistica.unifran.br/2008/dissertacoes/editaisDissertacaoPPGL.php>>

ORLANDI, E. P. *A Linguagem e seu funcionamento*: as formas de discurso. Campinas: Pontes, 1987.

PEDROSA, C. E. F. *Discurso religioso*: funções e especificidades. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/soletras/13/04.htm>> Acesso em: 14 jan. 2008.

PINHEIRO, N. F. A noção de gênero para análise de textos midiáticos. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). *Gêneros textuais*. Bauru: Edusc, 2002.

REBOUL, O. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

RODRIGUES, A. F. C. F. *Prosódia e argumentação no discurso televisivo de R. R. Soares*. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca. Disponível em: <<http://www.mestradoemlinguistica.unifran.br/2008/dissertacoes/editaisDissertacaoPPGL.php>>

RODRIGUES, E. M. L. *Discurso religioso e a tríplice influência: argumentação, texto e prosódia*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca. Disponível em: <<http://www.mestradoemlinguistica.unifran.br/2008/dissertacoes/editaisDissertacaoPPGL.php>>

RODRIGUES, E. M. L.; FIGUEIREDO, M. F. O discurso religioso e a tríplice influência: argumentação, texto e prosódia. *Diálogos Pertinentes* – Revista Científica de Letras, Franca, v. 4, p. 213-242, 2008.

SANTOS, G. C.; FIGUEIREDO, M. F. “Bola de Neve Church”: a mudança no discurso evangélico do Brasil. 2009. *Diálogos Pertinentes* – Revista Científica de Letras, Franca, v. 5, 2009.

SILVA, R. C. *A emoção “maquiada” de razão: aspectos prosódicos e argumentativos de uma palestra espírita kardecista*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca. Disponível em: <<http://www.mestradoemlinguistica.unifran.br/2008/dissertacoes/editaisDissertacaoPPGL.php>>

SOARES, R. R. *Como ser bem-sucedido*, 2004. 1 CD (41min).

WILSON, V. *Modos de ler o discurso religioso*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/soletras/5e6/11.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2008.

